



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11331 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 05/GT 11 - Estado e Política Educacional e Políticas de Educação Superior

MULHER NA GESTÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS

Cheliane Estumano Gaia - UFPA-PPGEDUC – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

João Batista do Carmo Silva - UFPA - Universidade Federal do Pará

MULHER NA GESTÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade construída e fortalecida sob a égide do patriarcado, sob a figura do homem como predominante em todas as funções e cargos, as questões de gênero se constituem como um grande desafio, mesmo no contexto atual de uma sociedade contemporânea que sofreu e sofre diversas transformações no decorrer dos anos. Esses desafios estão presentes em todos os aspectos da sociedade no que se refere à presença da mulher em diversos setores, e, se tornam ainda mais visíveis quando se fala em funções exercidas quase que predominantemente por homem, como é o caso, da função de reitor(a) e vice-reitor(a) das universidades de todo o Brasil, que correspondem aos mais altos cargos da gestão universitária.

Diante disso, pauta na seguinte problemática: As mulheres têm ocupado nas universidades públicas as funções de reitoras e vice-reitoras? Como tem ocorrido sua inserção na gestão da administração superior e quais os desafios enfrentados? Essas são algumas das indagações que nos permitiram alcançar a finalidade desta pesquisa que possui como objetivo geral analisar a presença das mulheres nas funções de gestão das universidades públicas brasileiras e específicos analisar as bases legais da inserção das mulheres na gestão superior das universidades públicas brasileiras; identificar e explicitar em quais universidades as mulheres exercem a função de reitora e/ou vice-reitora e investigar a presença das mulheres nas funções de reitoras e vice-reitoras das universidades federais do Brasil.

MÉTOD

Metodologicamente a pesquisa fundamenta-se na pesquisa documental embasada em uma abordagem qualitativa. A pesquisa documental “tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outras categorias de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais.” (SEVERINO, 2013, p. 107). Documentos esses embasados na abordagem qualitativa que de acordo com Guerra (2014), “o cientista aprofunda-se na compreensão dos fenômenos que estuda — ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente, ou contexto social”. Nesse sentido, foi possível reunir informações detalhadas no contexto das reitorias e vice-reitorias das universidades.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Por muito tempo se atribuiu a mulher múltiplas funções, dona do lar, cuidadora da família, maternidade entre outros estereótipos atribuídos a elas, além daqueles de que a mulher é sexo frágil. Tais elementos reproduziram uma sociedade crescentemente tendo seus postos assumidos por homem, enquanto as mulheres eram associadas unicamente aos serviços domésticos.

Esse contexto tem sido enfrentado por muitas lutas por partes das mulheres e dos movimentos sociais em geral. Essas lutas têm possibilitado a expansão e inserção para as mulheres nos diversos espaços, no que tange o seu acesso no ensino superior, e conseqüentemente, sua presença nas mais diversas funções vem se ampliando. De acordo com o Censo da Educação Superior de 2020 divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), as mulheres são a maioria nos cursos de graduação das instituições superiores correspondendo a 57% em relação aos homens. Estatística de grande relevância social e de imensuráveis contribuições para um cenário global. Pois, para Fleury (2013 apud GIATTI e UBEDA, 2021), somente, em decorrência do aumento da escolaridade, que foi possível potencializar a acessibilidade feminina em cargos de gestão e liderança.

A inserção e significativa presença das mulheres nos cursos superiores configuram uma mudança social na sociedade e no contexto educacional resultado da democratização e expansão do ensino. Essa constatação não exclui, porém, as desigualdades existentes nesse espaço no que concerne ao gênero, principalmente quando refere-se às funções mais altas em que as mulheres ainda estão sub-representadas.

Nesse sentido, podemos entender que a universidade brasileira, tendo por base os estudos de Cunha (1989) se institucionaliza em 1920 com a criação da primeira universidade, a universidade do Rio de Janeiro. Sua criação se dá com certo atraso em relação a outros países. Ainda se acrescenta a esse viés a sua historicidade excludente sendo pensada para a elite, enquanto que os demais ficavam às margens dela. No entanto, com a expansão, tem-se notórias mudanças, no público que atende passando a ser instituições sociais, políticas e culturais que contribuem para o desenvolvimento econômico e intelectual da sociedade, sendo instituições pluridisciplinares que prezam pela formação para além do ensino, mas que também esteja voltado para a pesquisa, assim como para a extensão dentro dos eixos universitários, apresentado relevante papel social na sociedade que está inserida, sendo adaptada conforme as transformações ao longo da história como aquela capaz de transmitir e produzir novos conhecimentos.

Por ser uma instituição altamente reconhecida na produção, veiculação e divulgação de conhecimentos que pauta-se na concepção democrática de gestão como pilar de suas ações. Assim, as instituições federais de ensino superior têm um sistema de escolha de reitores pautado na escolha democrática, sendo obrigatória que para concorrer aos cargos de gestão façam parte do quadro de professores doutores efetivos da instituição.

As universidades federais representam a expansão de um ensino anteriormente elitizado e centrado nas grandes cidades, hoje, representam um total de 69 instituições de ensino superior preocupadas com uma educação pública, gratuita e de qualidade que tem expandido o ensino nas mais diversas regiões. Mesmo as mulheres ocupando esses ambientes e como as autoras Pereira e Nunes (2018) destacam serem maioria nos cursos de ensino superior em relação aos homens, ocupar as funções de gestão, principalmente no se refere à autarquia maior nas universidades ainda se apresenta com imensas disparidades. Essa disparidade explicita a estrutura masculinizadas das universidades, corroborando para que a definição utilizada por Steil (1997) de teto de vidro se fortaleça. Para o autor teto de vidro é:

Uma barreira que, de tão sutil, é transparente, mas suficientemente forte para impossibilitar a ascensão de mulheres a níveis mais altos da hierarquia organizacional, (...) impedindo avanços individuais exclusivamente em função do gênero, e não pela inabilidade de ocupar posições no topo da hierarquia organizacional. (STEIL, 1997, pág. 63)

As barreiras são ações imperceptíveis ou normatizadas que fazem com que as mulheres tenham maiores desafios para ingressarem em tais funções, a exemplo disso, as funções de reitoras e vice-reitoras nas universidades revelam tal disparidade.

A partir das pesquisas realizadas por meio do site do MEC (Ministério da Educação), atualmente, no Brasil, existem 69 universidades federais, representando a origem de 69 cargos de alto escalão da administração acadêmica para reitoria e vice-reitoria. Ficando dividido da seguinte forma: Região Norte 11, Região Nordeste 20, Região Centro-Oeste 8, Região Sudeste 19, Região Sul 11.

Por meio dos dados coletados compreende-se que, das 69 universidades, apenas 17 são ocupadas pelas mulheres na função de reitora, estando elas presentes em todas as regiões do Brasil, possuindo a Região Norte 4 reitoras, a Região Nordeste 2, Região Centro-Oeste 3, Região Sudeste 4, e Região Sul 4.

Essas são características do “efeito de vidro” e mais ainda do “efeito tesoura” que ao longo da carreira, as mulheres vão sendo “expulsas” do universo acadêmico, sobretudo, daqueles que estão no topo da pirâmide. Nas palavras de Arêas, Santana e Barbosa, 2020:

Ao analisar a presença feminina em outras etapas da carreira científica e evidenciado que a exclusão vertical das mulheres na carreira científica, ao menos no Brasil, é uma indiscutível realidade. A análise de proporção de mulheres e homens nas etapas da carreira, ordenada do nível inicial para os mais altos postos, descortina o campo da ciência nacional e não deixa nenhuma dúvida de que, a esfera de decisão é um ambiente em que as mulheres não são bem-vindas, definitivamente, um “clube da bolinha”. (ARÊAS, SANTANA E BARBOSA, p. 11, 2020)

Para caráter de exemplificação, a primeira universidade federal do Brasil, a do Rio de Janeiro, demorou praticamente 100 anos desde a sua fundação para empossar uma mulher como reitora. Isso se estende para outras instituições como na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), criada em 2011 e que em 2018 empossa Joana Angélica Guimarães da Luz, a primeira reitora negra em uma universidade federal no Brasil (BRASIL, 2018). Se empossar uma mulher a cargo de reitora de uma universidade Federal por si só já se configura como desafiador dado a historicidade em que as mulheres são submetidas desde as configurações da sociedade. Empossar uma mulher negra na história do Brasil se configura como um desafio duplicado, visto que, ser reitora, ser mulher e ser negra em uma sociedade excludente e racista é ir contra as definições patriarcais da sociedade. Mas antes de tudo, é um ganho de imensuráveis contribuições para outras mulheres, para aquelas que virão posteriormente e para uma sociedade mais igualitária.

No que diz respeito à função de vice-reitora, o quantitativo se amplia atingindo 24 universidades. As vice-reitoras por regiões ficam assim representadas: Região Norte 4, Região Nordeste 4, Região Centro-Oeste 4, Região Sudeste 7, e Região Sul 5. Há um significativo aumento quando se refere a vice-reitoria que precisa ser enaltecida, é na presença da mulher nessas posições que podemos vislumbrar a conquista de outros espaços. Analisar as universidades se configura como um importante marcador de como as questões de gênero nas funções de alta autarquia nas universidades tem se configurado em uma sociedade contemporânea. Isso se dá por conta de toda uma especificidade que ser mulher representa permeado particularidades e desafios.

O número de mulheres que assumem a função de reitoras e/ou vice reitoras, ainda se configura como uma minoria considerando o quantitativo de universidades. Porém, sua inclusão, para além de uma representatividade, significa a ocupação de um espaço que outrora se configurava como exclusivamente masculino.

Partindo dessa concepção, de um ambiente masculinizado, que existe todo um desafio, uma especificidade para que mulheres, mães, filhas e trabalhadoras estejam na mais alta função dentro de uma instituição de ensino superior, que tem se pautada progressivamente em uma concepção democrática de gestão, na perspectiva de uma gestão colegiada, ou seja, decidido no coletivo. Logo, para uma mulher ser reitora de uma universidade significa dizer que ela construiu uma trajetória de participação, de experiência trilhada ao longo da carreira, e que foi resultante de uma correlação de forças políticas entre professores, técnicos, alunos e sociedade acadêmica que entende a importância dessa mulher na gestão.

Em vista disso buscou-se dar ênfase nas falas das reitoras quanto a toda sua especificidade nesse processo, onde foi possível por meio da live disponível no YouTube intitulada “**A academia e o poder ser mulher**”. A Reitora da Universidade de Brasília (UnB), Márcia Abrahão, foi a primeira mulher a ocupar o cargo na instituição, tendo sido reeleita em primeiro turno em 2020 para um novo mandato de quatro anos. Ela destaca como tem se dado a sua experiência como reitora de uma das maiores universidades federais do Brasil e sua luta em desbravar nas mulheres o anseio de pertencimento nesses espaços.

“aqui na universidade temos feito um trabalho para incentivar mais mulheres a continuarem pesquisando, criamos um tempo a mais para as mulheres que tem filhos para que elas possam se credenciar na pós graduação [...] Então temos buscando traçar algumas políticas e já temos alguns dados interessantes, por exemplo, dos grupos de pesquisa na UnB temos a maioria coordenados por mulheres, e também na pandemia, tivemos um portfólio de pesquisas e a maioria deles estão sob coordenação de mulheres”. (MÁRCIA ABRAHÃO/REITORA UnB 2020-2024)

Diante do relato da reitora identifica-se que a presença de uma mulher na função de reitora apresenta uma especificidade que atende as exigências de outras mulheres com o objetivo de minimizar as discrepantes desigualdades existentes e incentivar a ocupação desses espaços, além disso, a presença das mulheres nas universidades, especialmente nas reitorias contribui para a transformação de uma realidade e de uma ciência androcêntrica, e uma importante ruptura no que se refere à masculinização no mundo público.

Outro elemento importante para ser destacado diz respeito às especificidades e obstáculos encontrados pelas mulheres gestoras ao exercer tal função. Esses obstáculos se dão muitas vezes por meio das manifestações do “teto de vidro” defendido por Steil, nas falas das reitoras ficam visíveis as dimensões dos desafios durante suas experiências. Márcia Abrahão destaca:

“eu vi uma discussão muito interessante de como nós somos como gestoras, porque que nós somos sempre analisadas de como somos como gestoras? Nós não poderíamos nem permitir esse tipo de análise, mas, por outro lado, é importante porque mostra que nós ainda precisamos nos reafirmar quando somos reitoras. Muitas vezes alguns homens, isso já aconteceu comigo, enquanto reitora, inclusive, coordenando reuniões, de homem querer se sobrepor a minha fala e de querer me interromper, e eu tive então, que mostrar, que existe uma hierarquia. E nós como reitoras muitas vezes somos desrespeitadas e isso nós não podemos permitir porque isso ainda é uma forma de os homens duvidarem de nossa capacidade de gestão e nós termos que ficar reafirmando que nós somos as reitoras [...] Nós ainda temos muitos desafios em termos de gestão no Brasil, na nossa universidade. As vezes as pessoas me perguntam porque só agora?

O espaço das mulheres na universidade são conquistados desde a graduação à reitoria, para a reitora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Sandra Regina Goulart Almeida, a terceira a assumir tal função, as mulheres conquistaram muito nas universidades, especificamente nos cursos de graduação, em que hoje são maioria, no entanto, mesmo com todos os ganhos, a qual precisam ser expostos e fortalecidos, há ainda uma espécie de funil nas posições dentro de uma universidade, nas palavras de Sandra Goulart:

“hoje mais de 50% dos estudantes das universidades são mulheres, isso acontece na graduação e também na pós graduação, somente no mestrado e no doutorado diminui um pouco e nós sabemos do impacto que isso tem, a gente tem que tá ciente dessa desigualdade que existe [...] É também de conhecimento de todos e todas que a medida que alcançamos a pirâmide acadêmica em cargos de destaque o número de mulheres diminui consideravelmente, é o que a pesquisadora Márcia Barbosa denomina de ”efeito tesoura”, que tem sido extremamente danoso para as mulheres”. (SANDRA GOULART/REITORA UFMG 2018-2022)

Tendo por base a fala da reitora, é notório que o efeito tesoura é, infelizmente, uma realidade existente em nossa sociedade em que vai “cortando” a representatividade feminina da graduação para cima, dificultando a permanência, ascensão e a progressão nela, contribuindo para a manutenção das relações desiguais de gênero e a permanência da divisão sexual do trabalho.

Os desafios das gestoras são inúmeros desde a sua inserção nos cursos de graduação até toda a trajetória de lutas e resistências ao longo da caminhada rumo a reitoria. Os desafios vão desde a forma de invisibilizar, intimidar e amedrontar mulheres que ousam ocupar tais espaços até ao questionamento sobre sua competência e sua legitimidade enquanto mulher.

É nítido nas experiências diárias o sentido de os homens poderem ser o que quiserem enquanto as mulheres são lhes impostas restrições acerca do que querem ser e fazer, hoje menos que antes, mas ainda muito visível nas diversas esferas, indispensável se reafirmar e desconstruir impressões já rotuladas do que é ser mulher. É nesse caminhar de desconstrução de estereótipos e de luta contra toda e qualquer forma de repressão que sua história, suas lutas e conquistas vem sendo reforçada nessa trajetória que apresenta diversos obstáculos, mas que é sem dúvida de inspiração para que cada vez mais meninas e mulheres sejam o que quiserem ser, dentro ou não de uma reitoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a contribuição das mulheres na gestão universitária, a partir das funções de reitoras e vice-reitoras, trouxe um sentimento de revolta por fazer parte da estatística de que somos minoria em funções de gestão na universidade, mas trouxe ainda, o sentimento de esperança, os desafios são muitos, não podemos negar, mas são essas mulheres que hoje são reitoras e vice-reitoras que alimentam a possibilidade de outra realidade no curso da história. Ainda que esse percentual seja muito menor em comparação aos homens, representa uma conquista inquestionável para as mulheres, para a sociedade e também para a universidade que tem se pautado na democratização de seu espaço.

Logo, conclui-se que é de extrema importância a visibilidade para os resultados encontrados com o intuito de revelar como a função de reitoras e vice-reitoras é um reflexo da sociedade. Além disso, é necessário exercitar o empoderamento feminino e fortalecer as políticas de igualdade de gênero, para ocorrer a promoção da igualdade entre homens e mulheres, dentro e fora das esferas públicas. É por meio dessas transformações de paradigmas que poderemos colher frutos para o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária.

Palavras-Chave: Universidade pública; Mulher; Gestão da Educação.

REFERÊNCIAS

ARÊAS, Roberta; SANTANA, Ademir E; BARBOSA, Marcia C. A discriminação da inteligência no campo científico brasileiro. Rev. Educ., Cult. Soc., Sinop/MT/Brasil, v.10, n.3, p.002-018, Ed.Especial – 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Primeira mulher negra eleita reitora toma posse em universidade baiana**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/65491-primeira-mulher-negra-eleita-reitora-toma-posse-em-universidade-da-bahia#:~:text=A%20reitora%20da%20Universidade%20Federal,de%20universidade%20federal>. Acesso em 03 de agosto de 2021.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo da Educação Superior. Brasília, DF, c2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areasde-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 24 jun. 2022.

CUNHA, Luiz Antônio. **Qual Universidade?** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989

EXTENSÃO NO #8MUnB | LIVE 2: “A ACADEMIA E O PODER SER MULHER”.
YouTube, 23 de mar. de 202. Disponível em: <https://youtu.be/oz3M6qdag4E>. Acesso em: 24 de jun. 2022

GIATTI, Maria Gabriella; UBEDA, Cristina Lourenço. A participação das mulheres em cargos de reitoria nas universidades federais brasileiras: a árdua trajetória rumo à igualdade de gênero. Rio de Janeiro - RJ – **Trabalho Completo**. 20 e 21 de maio de 2021. Acesso em: 07 agost.2021.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte. 2014.

PEREIRA, Sandra de Oliveira Gomes; NUNES, Juraildes Barreira. A Presença Das Mulheres no Ensino Superior e o Papel Das Políticas de Permanência das Universidades Federais Brasileiras. **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. Vitória-ES. 2018. Acesso em: 07 agost.2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 1. ed. -- São Paulo:Cortez, 2013.

STEIL, Andrea Valéria. Organizações, gênero e posição hierárquica: compreendendo o fenômeno teto de vidro. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 32, n.3, p.62-69, 1997. Acesso em: 09 agost.2021.